

Fotografia e infância rural: a Colônia José Teodoro pela lente de João da Costa (São João del Rei, 1960-1970).

Virginia Aparecida Ambrosio

Christianni Cardoso Morais

Resumo

A cidade de São João del Rei (MG) foi um centro de recepção de imigrantes italianos no final do século XIX. As colônias italianas foram distribuídas, principalmente, ao longo das margens do Rio das Mortes e Rio Carandaí, que atravessam a localidade. Os colonos se ocupavam basicamente da agricultura de grãos e verduras e logo se estabeleceram nas terras a eles destinadas, como a Colônia José Teodoro. Este artigo objetiva compreender as considerações sobre a família e a infância na supracitada colônia, baseando-se em um arquivo fotográfico familiar. Uma importante evidência é a presença da família e a centralidade da criança nos registros fotográficos. As fotografias da Colônia José Teodoro colocam-se, desta maneira, como documentos de legitimação da identidade deste povo que, através da reconstrução de sua história, contribuiu sobremaneira para as relações de sociabilidade e, ademais, para a compreensão da história dessa cidade.

Palavras-chave: Infância rural; Fotografia; Memórias.

Introdução

A centralidade deste artigo está na busca por considerações sobre uma família de ascendência italiana e a infância na Colônia José Teodoro nas décadas de 1960-1970. Os documentos principais deste artigo são fotografias de um arquivo familiar composto por 192 fotografias¹. Desta parcela, 125 (65,10%) pertencem ao fotógrafo amador João da Costa (que viveu entre 1923 e 2012). Em seus registros, observa-se a presença de famílias moradoras da colônia e parte do cotidiano rural das mesmas, no período supracitado. O arquivo familiar em questão também é composto por uma parcela de mais 67 fotografias que não são de autoria do Sr. João da Costa, mas que são parte importante na composição de uma memória familiar.

¹ O acesso ao arquivo mencionado se deve ao parentesco de Virginia Aparecida Ambrosio com o fotógrafo amador. O Sr. João da Costa, avô materno.

Nascido em 18 de janeiro de 1923, em domicílio, na Colônia José Teodoro, zona rural da cidade de São João del Rei, João da Costa (Imagem 1) foi o primogênito de onze irmãos. Criado com os pais Gisberto Fiorelli Gedeone da Costa e Maria Amélia Faccion (Imagem 2) e os avôs paternos italianos Luiz Costa e Catharina Guzzo, (Imagem 3), aprendeu cedo a língua estrangeira, da qual tinha orgulho em ter herdado. Por ser necessário ajudar a família com o trabalho da roça e com o nascimento de tantos irmãos, frequentou a escola por apenas nove meses, naquela mesma comunidade, tempo suficiente para aprender a ler, escrever e fazer contas, ensinamentos mais relevantes para a época.



Imagem 1: João da Costa. Acervo Família Costa. S/D.



Imagem 2: Gisberto e Maria Amélia, Acervo Família Costa. S/D.



Imagem 3: Luiz Costa e Catharina Guzzo. Acervo Família Costa. S/D.

Conhecedor da lida da roça e das “técnicas” de agricultura, conseguiu trabalho em 1955 na Fazenda do Pombal², que ficava próxima à sua residência. Manuseava o maquinário de limpar arroz e moer milho para fazer fubá. Casou-se aos 31 anos de idade com D. Nivalda Ferreira, com a qual teve três filhos.

Nivalda nasceu em Vitoriano Veloso, no dia 17 de dezembro de 1925, em domicílio, embora seu registro de nascimento acontecera em 02 de janeiro de 1926. Fato comum para a época, visto a dificuldade de acesso à cidade onde havia um cartório, sendo as crianças registradas em datas distantes das de nascimento. Residia neste povoado, o qual pertence atualmente ao município de Prados e é mais conhecido como Bichinho.

Nivalda foi a décima da fátia de doze irmãos, estudou até o terceiro ano, repetindo-o para aprender o “manuscrito”³ naquele mesmo povoado. Contava que estudava a tabuada na hora do recreio para “falar lá na frente da sala”, conforme a professora pedia. De seus brinquedos de infância, lembrava das bonecas de pano com vestidinhos que cada uma fazia para si, além das brincadeiras de roda e “chicotinho queimado”. Aprendeu a bordar com a professora e mostrava com orgulho seus trabalhos feitos à mão. Nivalda morou com os pais e irmãos (dos doze filhos, cinco sobreviveram à primeira infância) até o seu casamento.

A distância entre as moradias de João e Nivalda não foi motivo para desmotivar o namoro. Sr. João ia visitar a noiva de bicicleta todos os domingos e o noivado durou por dois anos. O casamento se realizou no dia 28 de julho de 1956 (Imagem 4), em São João del-Rei, na Igreja de Dom Bosco. João tinha 31 anos e Nivalda 29. O casal passou a ter casa própria também na Colônia José Teodoro, em terreno herdado. Dona Nivalda, prendada como se esperava que fossem as mulheres daquela época, ajudava nas despesas da casa com a venda de ovos caipira e peixes pescados ali mesmo pelo marido. O casal teve 3 filhos, duas meninas e um menino.

² A Fazenda do Pombal está inserida atualmente na Floresta Nacional de Ritópolis, desde 1999. As ruínas remanescentes da Fazenda foram tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (em 1937) e são objeto de visitação por parte de turistas e estudiosos, uma vez que trata-se do lugar onde, supostamente, em 1746 nasceu Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.

³ D. Nivalda se referia à aprendizagem da letra cursiva, chamada   época de manuscrito, realizada a partir da leitura e cópia de livros específicos, cujo g nero é identificado por Batista (2002) como “pale grafos”. Esses livros traziam vários exemplares de letras cursivas e eram muito utilizados, desde a década de 1860 até 1960.



Imagem 4: Casamento de Nivalda e João. Fotógrafo Desconhecido. 28 de julho de 1956.

A família morou na Colônia José Teodoro durante a infância dos filhos, onde ocorreu quase a totalidade dos registros fotográficos do Sr. João da Costa. Sua atuação como fotógrafo amador só foi possível por ter sido contemplado em uma rifa com uma máquina fotográfica do modelo Bieka MF-M20⁴, fabricada entre as décadas de 1950 e 1960 pela empresa DF Vasconcelos, no Brasil. Sr. João da Costa faleceu em decorrência da doença de Alzheimer no dia 16 de fevereiro de 2012, com 89 anos de idade.

Outras fotografias como essas acima, encontradas no acervo da família Costa, são evidências importantes sobre a constituição de uma memória familiar e que já se tornaram prática relevante entre os ancestrais do Sr. João da Costa. Também constituem documento de identificação das famílias locais e da cultura presente na Colônia José Teodoro. Embora a referida colônia italiana, na época aqui delimitada, já se encontrava distante do objetivo primário de sua construção de recepção das famílias imigrantes da Itália, é possível perceber traços de uma cultura familiar persistente, evidenciadas nas fotografias documentadas.

A descendência do Sr. João e de Dona Nivalda não foi grande, mas se destaca por ser uma família muito próxima e unida. A seguir a árvore genealógica da mesma.

⁴Exemplar de Câmera Fotográfica Modelo Bieka MF-M20 disponível em: <http://acervo.missp.org.br/equipamento/camera-fotografica-bieka-mf-m20>

Árvore genealógica da descendência de João e Nivalda



A Colônia José Teodoro: aspectos do cotidiano

Como já se sabe, a cidade de São João del Rei foi cenário de recepção da imigração italiana no final do século XIX. No ano de 1888, foi criado um núcleo colonial na cidade para a recepção dos imigrantes que, entre inúmeros contratemplos, instalaram-se em dois principais núcleos: Colônia do Marçal e Colônia José Teodoro. A principal atividade exercida pelos italianos que ali se estabeleceram era o cultivo de cereais, frutas e hortaliças.

O historiador Dauro José Buzatti (2007), em *Raízes Italianas em São João del Rei*, ao narrar os primeiros passos das famílias italianas pioneiras em São João del Rei, conta que “era um bloco de homens robustos e de mulheres de faces coradas, de mãos dadas com suas crianças e acompanhados pelos mais velhos, que ante a admiração geral andavam lentamente, suspirando extasiados os ares de uma nova vida” (BUZATTI, 2007). Segundo o mesmo historiador, no dia 3 de dezembro de 1888, chegam 22 famílias italianas, num total de 102 colonos. Aparentemente pequeno, esse número representou um aumento significativo na população local.

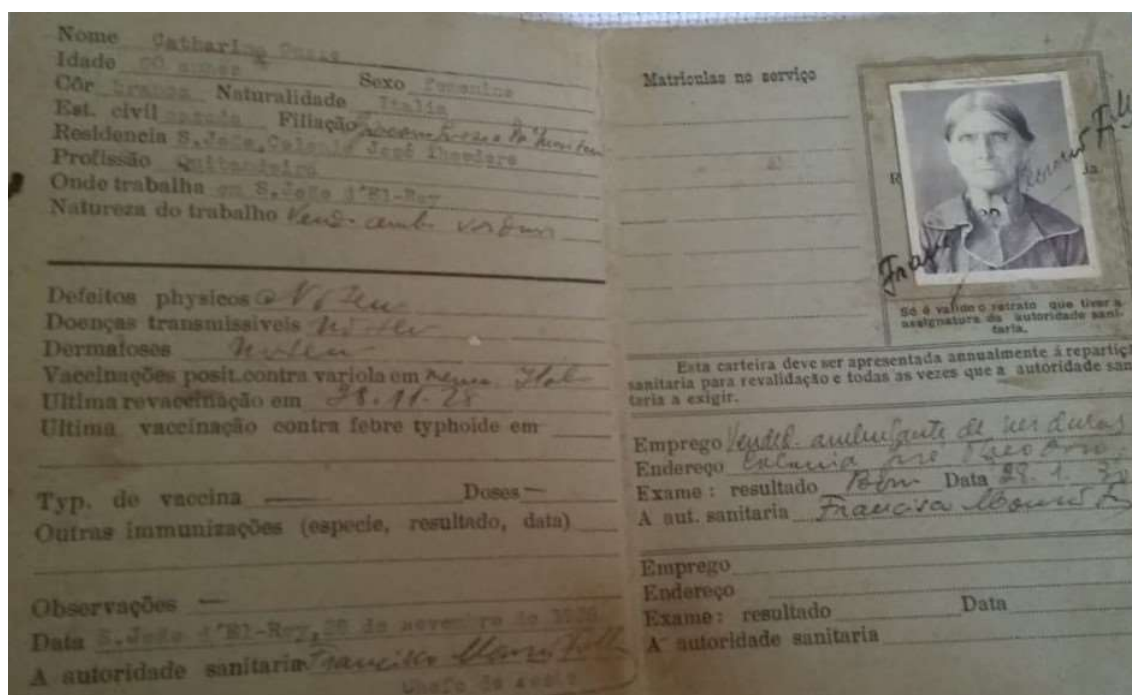


Imagem 5: Carteira Sanitária de Catharina Guzzo. Acervo Família Costa. S/D.

Na dissertação de Mestrado de Mariana Eliane Teixeira (2011), intitulada *Ser Italiano em São João del Rei (1888-1914)*, a autora diz que nos anos que se seguiram da instalação do núcleo colonial, as famílias que se dedicaram ao cultivo de hortaliças podiam vender seus produtos no Mercado Municipal, construído em 1893, para essa finalidade. A autora também

destaca que as famílias possuíam grandes hortas que abasteciam a cidade com hortaliças frescas e sadias. Esses imigrantes tinham suas vidas praticamente vigiadas pela municipalidade, tendo em vista as noções higienistas que permeavam o período. Na Imagem 5, acima, podemos observar o documento nomeado Carteira Sanitária de Catharina Guzzo, já mencionada avó italiana do fotógrafo João da Costa. Este documento, além de dar-lhe direito ao trabalho de quitandeira, também lhe atestava boa saúde física e mental. Sua última inspeção de saúde data de 28 de janeiro de 1930.

Observa-se já nos tempos de infância de João da Costa ainda uma prevalência do trabalho familiar agrícola como sustento das famílias. Como já dito, João da Costa e, posteriormente os irmãos, foram aproveitados como mão de obra nos trabalhos da lavoura desenvolvidos pela família. “Durante muitas décadas posteriores, os imigrantes e seus descendentes saíam pela madrugada, carregados de cestas, rumo ao mercado municipal, para venderem os frutos de sua produção” (TEIXEIRA, 2011, p. 58).

Essa prática de “aproveitamento” das crianças no trabalho desenvolvido pelas famílias imigrantes também foi observada na dissertação de Mestrado de Karina Fernandes Nicácio (2018), intitulada *Escolarização dos Imigrantes Italianos e seus Descendentes em São João Del Rei – Minas Gerais (1888/1914)*. A autora estudou a implantação da escola na Colônia José Teodoro e os desdobramentos da escolarização das crianças da colônia. Percebeu que, em determinada época do ano, a frequência escolar diminuía consideravelmente, podendo atribuir essa redução “à própria atividade familiar, comum em áreas agrícolas, onde, principalmente nos períodos de plantio e colheita se fazia necessário mais pessoas para trabalhar na lavoura, incluindo-se os filhos menores” (NICÁCIO, 2018, p. 95).



Imagem 6: Sr. Pedro Sales e João da Costa.
Trabalho em plantação Acervo Família Costa.
S/D.



Imagem 7: Plantação de milho por João da
Costa. Fotografia João da Costa. 1964.

As imagens 6 e 7 mostram a atividade agrícola de Sr. João da Costa. Na primeira, em companhia do Sr. Pedro Sales (já falecido), na Fazenda do Pombal, onde trabalhavam juntos. Na segunda, uma plantação de milho de cultivo próprio em seu terreno. A atividade extra permitia o sustento da família.



Imagem 8: Página de um álbum de família. Acervo Família Costa. S/D.

A imagem 8 trata-se do que seria uma página de um álbum de retratos da família Costa. Apesar do mau estado de conservação das fotografias, podemos observar a presença de algumas crianças. Ao centro, de pé, trajando roupas brancas, o Sr. Gisberto Costa, já citado pai do Sr. João da Costa, em viagem à Aparecida do Norte. Outras fotografias de excursão familiar à cidade católica compõem o acervo da família Costa. Essa tradição do catolicismo, evidentemente, acompanhou os italianos. Em uma estatística apresentada por Nicácio (2018) no ano de 1900, dos 364

colonos que residiam na Colônia José Teodoro todos se diziam católicos e, embora ainda não tivessem uma igreja no local, frequentavam missas e realizavam seus ritos religiosos na zona urbana de São João del Rei.

Embora a prática de trabalho das famílias colonas pareça com o que hoje entende-se por “trabalho infantil”, deve-se considerar as condições em que viviam e os recursos que tinham disponíveis. Assim, compreendemos as ações dessas famílias dentro de um contexto histórico mais amplo. Outro ponto importante é que essas condições não eram exclusivas da Colônia José Teodoro. Isso se mostra como característica em diversas colônias rurais, italianas ou não. Aqui as fotografias do acervo da família Costa evidenciam que as crianças mereciam destaque nas lembranças familiares. Também o levantamento feito por Nicácio (2018), do número de crianças matriculadas na escola da Colônia José Teodoro, cerca de 100 crianças em idade

escolar, sendo 84 matriculados, complementa a evidência de que havia uma preocupação e um zelo pela infância e pela educação formal de seus filhos.

A fotografia como documento/monumento

A fotografia não se encontra entre as fontes mais usadas pelos historiadores da infância e da família. Desde sua invenção, no século XIX, sua utilização como fonte documental foi questionada, colocada como mera fonte ilustrativa, manipulável e subjetiva. Sob um olhar Positivista, as fontes textuais, ou documentos escritos, especialmente os oficiais, foram por muito tempo certificadas como de maior relevância frente às outras espécies de indícios históricos. Embora, na visão de Saviani, não pudessem ser consideradas fontes naturais, uma vez que “todas as fontes históricas, por definição, são construídas, isto é, são produções humanas” (2006, p. 29). Essa perspectiva de que não existem fontes “dadas”, assim como a ampliação do conceito de fontes derivou do movimento iniciado na historiografia francesa pelos historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre⁵. Seus seguidores buscaram novos modos de compreensão histórica, não somente a partir de documentos oficiais e fatos políticos isolados, ou do estudo dos grandes heróis. A perspectiva dos *Annales* se disseminou e novas abordagens, novas fontes e novos temas foram buscados pelos historiadores.

No século XIX e início do século XX, Le Goff indica o aparecimento de dois importantes fenômenos mnemônicos. O primeiro é a construção de monumentos aos mortos, depois da Primeira Guerra Mundial com o surgimento de vários monumentos em homenagem ao Soldado Desconhecido “proclamando sobre um cadáver sem nome a coesão da nação em torno da memória comum” (LE GOFF, 1990, p. 466). E o segundo é a Fotografia “que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica (LE GOFF, 1990, p. 466).

Ainda segundo Le Goff (1990), monumento “tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos” (LE GOFF, 1990, p. 526). As relações entre memória e fotografia, especificamente sobre os “retratos de família”, são também tratadas pela historiadora Míriam Moreira Leite, a

⁵ A Revista *Annales* (Anais da História Econômica e Social) foi fundada por Febvre e Bloch, em 1929. Sua proposta de pesquisa historiográfica influenciou outros espaços mundiais, sendo apropriada e disseminada no Brasil a partir da década de 1980 (VAINFAS, 1997).

qual diz que essas fotografias permitiram que “quase toda gente – não só os mais abastados – pudesse se transformar num objeto-imagem, ou numa série sucessiva de imagens que mantém presentes momentos sucessivos da vida, ou ter presente a memória” (LEITE, 1993, p.75).

Desta forma, considerando a fotografia um fenômeno mnemônico e importante documento histórico, a historiadora Maria Ciavatta (2002) reitera que as fotografias

São como monumentos que traduzem valores, ideias, tradições e comportamentos que contribuem para a identidade familiar e orientam formas de ser e de agir. Enquanto objeto de memória, a fotografia atua como elemento de legitimação da memória familiar (CIAVATTA, 2002, p. 30).

As fotografias da Colônia José Teodoro colocam-se, desta maneira, como documentos de legitimação da identidade deste povo que, através da re-construção de sua história contribui sobremaneira para a compreensão das práticas e do cotidiano dessa população e, também, para a amplitude da História enquanto ciência. Já enquanto fenômeno mnemônico, a fotografia permite-nos integrar a história e revivê-la

Lembrar o que não se viveu porque a memória a gente lembra, mesmo que não tenha estado lá. A história faz sentido quando se faz memória de um passado que é nosso, de algo que foi vivido por nossos antepassados, por pessoas humildes, por gente que, como nós, sentiu, chorou, lutou, sobreviveu (LUCINI, 2015, p. 319).

A Colônia José Teodoro sob o olhar de João da Costa

Os registros fotográficos de João da Costa aconteceram, em grande maioria, na Colônia José Teodoro, entre os anos de 1964 a 1979. Atualmente o acervo é composto por 125 fotografias, embora a família saiba da existência de outros registros de sua autoria, mas que se encontram de posse de outras pessoas. Era costume do Sr. João presentear o fotografado com uma cópia, sendo por isso impossível estimar um número exato de imagens fotográficas por ele realizadas.

Suas fotografias abrangeram algumas famílias moradoras da colônia, descendentes ou não de imigrantes italianos, além de acontecimentos que marcaram o lugar, como casamentos, festas, construções, também as criações de animais, plantações e paisagens. Essas fotografias também são consideradas, buscando compreender o contexto que cercava a família e as crianças fotografadas. As imagens 9 e 10 mostram um pouco da lida da colônia, a criação de gado e o terreiro de uma casa com a criação de galinhas. Contexto simples, típico de comunidades rurais. A imagem 11 retrata músicos em festa de um casamento ocorrido na Colônia José Teodoro. A simplicidade da comunidade, bem como a proximidade das famílias, pode ser evidenciada na

simplicidade do lugar e na “liberdade” do músico de pés no chão. Destaque importante para a presença de um menino no colo do violeiro, a presença da criança nos eventos da colônia. A imagem 12 mostra Geraldo, filho caçula do fotógrafo João da Costa, frente a uma ponte improvisada para a travessia do rio, depois que uma enchente destruiu a ponte original.



Imagem 9: Criação de gado. Colônia José Teodoro. Foto João da Costa. 1966.



Imagem 10: Criação de galinhas Colônia José Teodoro. Foto João da Costa. 1967.



Imagem 11: Músicos em festa de casamento. Colônia José Teodoro. Foto João da Costa. 1966.



Imagem 12: Geraldo frente a ponte improvisada. Colônia José Teodoro. Foto João da Costa. 1966.



Imagem 13: Esposa e filhos do Sr. João da Costa. Colônia José Teodoro. Foto João da Costa. 1967.



Imagem 14: Quatro irmãos. Colônia José Teodoro. Foto João da Costa. 1967.

As imagens 13 e 14 também são exemplares da presença da criança nas fotografias de João da Costa. Na primeira Dona Nivalda segura ao colo seu filho caçula, enquanto as filhas mais velhas observam a cena e, na segunda, quatro irmãos são fotografados tendo à frente a criação de galinhas. Podemos observar o posicionamento alinhado das crianças e os seus belos trajes. Sua centralidade nas fotografias e no seio familiar, como a imagem 13 se revela, também é indício de preocupação e zelo pela infância.

Considerações Finais

Propiciar um diálogo entre o acervo fotográfico da família Costa e referências pertinentes à Colônia José Teodoro trouxe evidências da cultura, da identidade e tradições daqueles que fizeram parte da história desse lugar. Mais que isso, os tornaram sujeitos históricos nesta significativa parcela da história da imigração italiana na cidade de São João del Rei.

Contar a história da Colônia José Teodoro é contar a história das famílias que a constituíram e perpetuaram a memória de um povo que aprendeu a respeitar a terra, retirar dela seu sustento, apesar das já bem conhecidas dificuldades enfrentadas. Olhar as fotografias de João da Costa é, de certo modo, conhecer e reviver as pelejas e alegrias desse povo e, sobretudo, documentar historicamente a participação dessa gente na construção da História enquanto ciência.

Ainda se destaca, mesmo sendo um fotógrafo amador, seu cuidado em enaltecer a simplicidade, a preservação e o cotidiano da Colônia José Teodoro como pontos nodais de pertencimento e identificação de um lugar e de um povo que comungava das mesmas pelejas e alegrias, da mesma fé, dos mesmos princípios.

Também se faz importante destacar o posicionamento do núcleo familiar como orientador de tradições, que proporcionaram a perpetuação de hábitos por gerações, muitas vezes perdidos no esquecimento. Aqui, a infância mostra sua importância enquanto força motora na transmissão desses costumes, mas também como a força que os modifica.

Referências Bibliográficas

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Paleógrafos ou livros de leitura manuscrita: elementos para o estudo do gênero. **Memória da Leitura**, Campinas, 2002. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Batista/batista.htm> Acesso em: 23/08/2020.

BUZATTI, Dauro José. **Raízes Italianas em São João del Rei. SJDR: Jornada de estudos sobre imigração italiana**, 2007.

CIAVATTA, Maria. **O mundo do Trabalho em Imagens: A fotografia como fonte histórica** (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 6ª ed. Campinas: EdUnicamp, 1990.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de Família**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

LUCINI, Marizete. Ensinar, aprender e viver história no meio rural. In: FONSECA, Selva Guimarães; GATTI JÚNIOR, Décio (orgs.). **Perspectivas do Ensino de História: Ensino, Cidadania e Consciência Histórica**: EDUFU, 2015, p. 317-330.

NICÁCIO, Karina Fernandes. **Escolarização dos Imigrantes Italianos e seus Descendentes em São João del Rei – Minas Gerais (1888-1914)**. Dissertação de Mestrado (UFMG), Belo Horizonte, 2018.

SAVIANI, Dermeval. Breves Considerações sobre Fontes para a História da Educação. **Rev HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, p. 28-35, ago. 2006. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/art5_22e.pdf Acesso em: 23/08/2020.

TEIXEIRA, Mariana Eliane. **Ser Italiano em São João del Rei (1888-1914)**. Dissertação de Mestrado (UFJF), Juiz de Fora, 2011.

VAINFAS, Ronaldo. *História das mentalidades e História cultural*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.127-162.